



CATÓLICA PORTO
EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA

Fatores de Satisfação e Stress na Paternidade de Filhas Adolescentes

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa para obtenção
do grau de Mestre em Psicologia

- Especialização em Psicologia da Educação e Desenvolvimento Humano -

Ana Catarina Pinheiro da Silva Carvalho

Porto, julho, 2012



CATÓLICA PORTO
EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA

Fatores de Satisfação e Stress na Paternidade de Filhas Adolescentes

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa para obtenção
do grau de Mestre em Psicologia

- Especialização em Psicologia da Educação e Desenvolvimento Humano -

Ana Catarina Pinheiro da Silva Carvalho

Trabalho efetuado sob a orientação de:

Prof^ª. Doutora Elisa Veiga

Mestre Lurdes Veríssimo

Porto, julho, 2012

AGRADECIMENTOS

Às minhas orientadoras, as professoras Lurdes Veríssimo e Mariana Negrão por todos os momentos de reflexão conjunta tão produtivos, pela disponibilidade e motivação constantes; obrigada por contribuírem para o meu crescimento pessoal e profissional enquanto futura psicóloga. Foi um caminho longo, com altos e baixos, mas hoje saboreio esta vitória.

Às minhas fiéis companheiras destes cinco longos anos, Rita, Inês, Elodie e Catarina, obrigada por nunca me deixarem desistir; por partilharem comigo os melhores momentos destes anos e por me darem a certeza que tenho em vocês um porto seguro.

Aos meus pais, por me darem esta oportunidade de aprendizagem e crescimento tão grande e, sobretudo, pelo amor incondicional com que me presenteiam todos os dias, nos mais pequenos gestos. Obrigada, mãe e pai.

Ao meu irmão, esse teu jeito meigo de me chamar “Senhora Psicóloga” entenece-me desde sempre. Obrigada pelo simples facto de seres assim, tão perfeito.

Às minhas amigas de sempre, do tempo de escola, Liliana e Cláudia, esta foi apenas mais uma etapa, agradeço-vos o facto de terem estado sempre presentes. E peço-vos desculpa pelos momentos de pouca interação social, mas tenho a certeza que vocês sabem o quão importantes são para mim, estando longe ou perto.

A ti, Zé, porque apesar de não teres assistido a esta saborosa “luta” desde o início, foste peça essencial para que o desfecho fosse igualmente delicioso. Neste caso, tudo começou com... As traduções! Obrigada por todas as palavras de ânimo e força e por me fazeres sentir capaz de alcançar tudo.

A Ti, que mesmo longe, num sítio qualquer, continuas a olhar por mim e a dar-me coragem para continuar, todos os dias.

RESUMO

A concepção do papel parental do Pai tem sofrido algumas alterações ao longo dos tempos. Tradicionalmente o Pai estava vinculado à crença de que não detinha uma função participativa e ativa nas tarefas parentais. (Parke, 1996). No entanto, como este estudo evidenciou de forma clara e inequívoca, o panorama é bem diferente, sendo notório o envolvimento acentuado do Pai nas funções educativas e de acompanhante sempre presente da fase da adolescência.

Contrariamente à maioria dos estudos realizados nesta área, esta reflexão incidiu sobre a relação de Pais com as suas filhas adolescentes, contrapondo-se ao estudo da díade mãe-filho (Booth & Crouter, 1998; Dienhart, 1998; Griswold, 1998; Lamb, 1997; Pruett, 1999, cit in Nielsen, 2006).

Deste modo, esta investigação teve como objetivo principal compreender quais são os Fatores de Satisfação e de *Stress* na Paternidade de Filhas Adolescentes.

Os resultados demonstraram que os fatores de satisfação e de *stress* vivenciados pelos pais são diversificados, tendo sido constatado, porém, que os fatores de satisfação foram preponderantes.

ABSTRACT

The concept of Father's parental role has suffered several changes throughout time. Traditionally it was believed that Father's scope of action was not connected to any active participation in parental and educational action. However, as this study clearly has put into evidence, this thought is truly different, as it is notorious the effective involvement of the Father in the educational activities, as well as being a true fellowmate always present at the adolescence.

Contrarily to the majority of studies within this scope, this relexion was directed to the relationship between Father and his adolescent Daughter, as counterpoint to the dyad Mother-Son (Booth & Crouter, 1998; Dienhart, 1998; Griswold, 1998; Lamb, 1997; Pruett, 1999, cit in Nielsen, 2006).

As such, this investigation aimed to understand which are the Satisfaction and Stress Factors within the Paternity of adolescent daughters.

Results proved that Satisfaction and Stress Factors experimented by Fathers are diversified; yet, it was also proved that the former are preponderant.

INDICE

Agradecimentos -----	iii
Resumo -----	iv
Abstract -----	v
Introdução -----	1
I Enquadramento Teórico -----	4
1.1 O Ciclo da Vida da Família-----	4
1.2 A Adolescência e as suas Especificidades -----	5
1.3 Parentalidade-----	6
1.4 Conceção de Paternidade ao longo dos tempos -----	7
1.5 Stress Parental -----	8
1.6 Satisfação Parental-----	13
II Metodologia -----	14
2.1 Objetivos Específicos -----	14
2.2 Abordagem Geral -----	15
2.3 Questões de investigação-----	15
2.4 Participantes-----	16
2.5 Instrumento-----	16
2.6 Procedimentos -----	17
2.6.1 Procedimento Recolha de dado -----	17
2.6.2 Procedimento Análise de dados -----	17
III Resultados -----	18
IV Análise e Discussão dos resultados -----	20
V Conclusão -----	28
VI Referências Bibliográficas -----	30
Anexos -----	33

INTRODUÇÃO

Pretendemos com este estudo compreender quais são os fatores de satisfação e *stress* presentes na relação parental entre Pais e filhas adolescentes.

Assim, a presente dissertação está estruturada da seguinte forma: apresentamos o enquadramento teórico, ou seja, a revisão bibliográfica elaborada; a metodologia, onde descrevemos o método utilizado e os participantes e no final apresentamos a discussão dos resultados. Começamos com a pertinência do estudo, cujos aspetos primordiais são: importância do pai no desenvolvimento dos seus filhos; escassez de estudos com Pais com filhas adolescentes; enfoque nas fraquezas e não nas potencialidades; fase desenvolvimental da adolescência; *stress* e satisfação parental.

Inicialmente, na década de 70, os investigadores que se debruçavam sobre questões do desenvolvimento detinham algum ceticismo relativamente à importância do papel do Pai no desenvolvimento, na medida em que duvidavam que este pudesse exercer influência sobre os seus filhos, mais especificamente, nas filhas. Contudo, mais tarde constatou-se que os Pais são elementos imprescindíveis, na medida em que estes desempenham um papel fulcral no desenvolvimento dos seus filhos (e.g. Lamb, 1997).

Tais conclusões emergiram quando foram apontadas críticas aos movimentos feministas e machistas, tendo surgido o conceito de “*o novo pai carinhoso*” que desempenhava um papel ativo na vida dos seus filhos (Pleck, 1981, cit in. Lamb, 1997).

Assim, apesar de ainda não existir uma vasta literatura sobre o tema em questão, algumas investigações foram sendo desenvolvidas, sendo unânime que a presença do pai no desenvolvimento dos seus filhos acarreta consequências para a vida dos mesmos (Lamb, 2002; Van IJzendoorn & De Wolff, 1997, cit in Howard, 2010).

Para além do papel fulcral que a figura paterna tem no desenvolvimento dos seus filhos, até à data, da revisão bibliográfica elaborada não existem muitos estudos que incidam sobre Pais com filhas adolescentes. Devido a esta escassez de estudos, decidiu-se levar por diante este trabalho de forma a preencher o hiato existente nesta área.

Quando falamos das relações de vinculação entre pais e filhos surge Bowlby, autor que se focou, essencialmente, no papel do cuidador primário, ou seja, tipicamente, a mãe da criança. (Bowlby, 1988, cit. in Howard, 2010). Da mesma forma, em 1990, Fisher (cit. in Deckard & Scarr, 1996) concluiu que grande parte da pesquisa relacionada com o *stress* parental se centra,

exclusivamente, nas mães, com base na assunção de que estas possuem o papel principal de cuidador primário.

No entanto, apesar de mais tarde se terem desenvolvido estudos com o objetivo de perceber qual a pertinência do papel do Pai no desenvolvimento dos seus filhos, estes debruçaram-se nas questões da transição para a parentalidade e na relação com filhos pequenos, não tendo sido dada muita atenção à fase desenvolvimental da adolescência. Aliás, são vários os estudos que frisam que até ao momento existe uma vasta investigação sobre a díade idade escolar/paternidade e não é dada tanta atenção às relações pai/adolescente (Hosley & Montemayor, 1997; Updegraff, McHale, Crouter & Kupanoff, 2001, cit. in Schock & Gavazzi, 2005), pelo que este estudo assume um cariz inovador e pertinente.

Pederson (1980 cit in. Sulman & Seiffge-Krenke, 1993) nomeou alguns fatores que estariam na base da assunção de que o papel do pai não detinha qualquer tipo de influência no desenvolvimento dos seus filhos, nomeadamente, estereótipos relativos à perceção das regras familiares e a tradicional família nuclear era constituída pelo pai, responsável pela posição económica e social da família, e pela mãe, que trabalhava em casa e era responsável pela educação dos filhos.

Também é de frisar que grande parte dos estudos que incidem na temática da Parentalidade tendem a focarem-se, mais afincadamente, nas relações pai-filho e mãe-filha e não tanto nas relações pai-filha. Porém, apesar de todas estas perceções e de, em tempos, os pais terem sido rotulados como “*contribuidores esquecidos para o desenvolvimento do/a filho/a*”, atualmente, tem existido um maior foco nesta população, na medida em que os investigadores se têm debruçado mais nos comportamentos e atitudes dos pais. Isto porque foi constatado que a figura paterna, assim como a figura materna, é uma figura que detém um impacto significativo no desenvolvimento dos seus filhos (Booth & Crouter, 1998; Dienhart, 1998; Griswold, 1998; Lamb, 1997; Pruett, 1999, cit in Nielsen, 2006).

Mesmo assim, apesar deste maior ênfase no estudo do papel paternal, quando abordam a díade pai-filha, a tendência dos autores é debruçarem-se nas “fraquezas” do pai e não no seu potencial (Booth & Crouter, 1998; Dienhart, 1998; Griswold, 1998; Lamb, 1997; Pruett, 1999, cit in Nielsen, 2006).

Relativamente à escolha da adolescência, este é um período de transição, em que o indivíduo transita da infância para a idade adulta. Neste processo, o indivíduo faz uma renegociação com os seus pais, nomeadamente ao nível da relação parental, começando a ser capaz de atuar de forma mais independente (Shulman & Seiffge-Krenke, 1997). Posto isto, escolhemos esta fase

desenvolvimental, visto que acarreta algumas especificidades, nomeadamente ao nível da alteração da relação entre pais e filhos.

Com a adolescência vão surgindo mudanças físicas, nomeadamente, o aparecimento da puberdade, podendo daí resultar alterações intraindividuais que vão ter impacto na relação das adolescentes com os seus pais (Brooks-Gunn & Zahaykevich, 1989; Buchanan, Eccles, & Becker, 1992, cit in Bronstein, 1995). Por exemplo, as alterações hormonais podem ter um impacto directo nas relações pais – adolescente, dado que há um aumento da irritabilidade e das emoções negativas, por parte da adolescente (Brooks-Gunn & Zahaykevich., 1992, cit in Bronstein, 1995).

Relativamente ao *stress*, alguma bibliografia sobre o *stress* parental constatou que o papel parental acarreta algumas situações geradoras de *stress*. Muitas responsabilidades são depositadas nos pais, hoje em dia, dado que estes possuem outros papéis, como por exemplo, papel conjugal, papel profissional, papel social, etc. Posto isto, o funcionamento familiar recebe uma forte influência da capacidade que os pais possuem para atenderem às responsabilidades que todos estes papéis apelam (McCubbin & Patterson, 1983, cit in Wille & Wheatley, 2009).

Com efeito, a organização da sociedade atual, que obriga a mulher a ter um papel auxiliar no financiamento do agregado familiar e que provocam períodos de maior ausência da sua autoridade, obriga a que os Pais se tornem mais interventivos na educação dos seus filhos, tomando um papel mais determinante que, ao mesmo tempo, se torna mais desgastante.

Assim, é de frisar que as variáveis promotoras de *stress* parental vão mudando ao longo do tempo, mais especificamente, quando as crianças começam a crescer, uma vez que as questões da adolescência envolvem aspectos como a aceitação da independência dos jovens. Permitir e aceitar esta independência pode causar níveis de *stress* nos pais (Sheras, Abidin & Konold, 1998, cit in Wille & Wheatley, 2009).

Quanto à satisfação parental, até à data, não existem muitos estudos cujo objectivo se debruce no estudo da relação parentalidade/satisfação parental, havendo um maior ênfase nas questões desafiantes que a parentalidade acarreta.

Porém, com o objectivo de compreender a satisfação experienciada no papel parental, foi elaborado um estudo em que foi constatado que a maioria dos pais e das mães se referiu à parentalidade como o papel mais satisfatório, em comparação aos outros papéis que detêm (Chillman, 1980, cit. in Gecas & Pasley, 1984).

Seguidamente apresentamos o estado da arte e, posteriormente, abordaremos a metodologia utilizada.

I ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1.1 O Ciclo de Vida da Família

“O conceito “Ciclo de Vida da Família” implica o símbolo de um círculo; a roda da vida; as coisas vão rodando indefinidamente” (Neighbour, 1985, p.11).

No ciclo de vida das famílias ditas “normativas”, podemos discernir as 7 fases que caracterizam o ciclo de vida tradicional, na medida em que pode existir uma variabilidade ou uma redução de cada uma das fases, no entanto, a omissão de qualquer um dos estádios pode despoletar uma “*desfiguração*” na família (Neighbour, 1985). Posto isto, a primeira fase no ciclo de vida da família refere-se ao “emparelhamento/casamento”, sendo caracterizada pelo “abandono” da família de origem (emocionalmente e fisicamente); prontidão para a intimidade (psicológica e sexual); maior concordância de papéis, objectivos e valores e uma maior complementaridade. Na segunda fase, esta remete para a “nascimento”, na medida em que o casal experiencia uma maior partilha entre si; há o despoletar de ambiguidades.

Quanto à terceira fase, “criança em idade escolar”, as principais questões inerentes a este estádio remetem para a promoção, por parte dos pais, de segurança, tanto a nível emocional, como ambiental; há um maior envolvimento com a comunidade; separação, na medida em que a criança passa grande parte do seu tempo na escola; a mãe detém mais tempo para outras responsabilidades.

A quarta fase diz respeito à “família com jovens adolescentes”, na medida em que se começa a desenvolver uma maior autonomia e independência por parte dos jovens, assim como uma exploração social e sexual dos mesmos. Neste trabalho será abordada com maior profundidade esta fase, visto que é uma fase que tem subjacente algumas potencialidades e alguns desafios.

Quanto à quinta fase, “família como base de lançamento”, há uma mudança de papéis, na medida em que o sentimento de “ninho vazio” é experienciado pelos pais; associado a este conceito, é constatada uma redescoberta dos pais.

A fase da “meia-idade” é caracterizada pela “crise da meia-idade”, podendo existir um sentimento de “*decepção*” ou de “*dever cumprido*” (p.12). Aceitação das limitações e mudança da própria imagem, assim como uma possível reforma antecipada, são aspectos que estão inerentes a esta fase.

Finalmente, a sétima e última fase remete para a “velhice”, na medida em que há um “*alcance da serenidade*” (p.12); maior isolamento ou dependência; maior valorização da religião e filosofia e sentimento de perda.

1.2 Adolescência e suas especificidades

Após um longo período caracterizado por especificidades como imaturidade, dependência e proteção de terceiros, a criança começa a sofrer, num espaço de tempo curto, um rápido crescimento que acarreta algumas modificações. O início da adolescência acarreta algumas transformações visíveis, ocorrendo a vários níveis, nomeadamente, a nível biológico, fisiológico, cognitivas, entre outros (Fleming, 1993).

A puberdade surge, portanto, no início da adolescência, normalmente, entre os 11 e os 14 anos (Steinberg, 1993, cit. in Holmbeck, Paikoff and Gunn, 1995). No entanto, apesar das modificações físicas, desenvolvem-se modificações psicológicas que têm impacto nos comportamentos dos adolescentes.

Para além das modificações de cariz mais biológico, surgem modificações cognitivas, na medida em que vários investigadores constataram que a competência de resolução de problemas sofre um aumento nesta fase desenvolvimental. Estes tipos de capacidades são promovidas nos vários contextos onde a jovem se insere, onde as discussões sobre determinado tema podem ter um impacto positivo, na medida em que provocam debate e reflexão crítica. O adolescente começa a ser capaz de incorporar diferentes pontos de vista e a pensar, de forma sistemática, sobre as pessoas e relações (Damon & Hart, 1982; Selman, 1980, cit in. Holmbeck et.al, 1993). Esta capacidade de reflexão crítica sobre pessoas e relações permite ao adolescente integrar percepções positivas e negativas sobre os seus pais (Blos, 1979; Fuhrman & Holmbeck, in press; Lamborn & Steinberg, 1993; Ryan & Lynch, 1989; Steinberg & Silverberg, 1986, cit. in Holmbeck et.al, 1993).

Quanto a modificações emocionais, estas prendem-se com os significados que o adolescente atribui a estas novas percepções sobre si próprio e sobre os outros (Holmbeck et.al, 1993). A presença de dificuldades emocionais pode ter um impacto no desejo dos adolescentes de interagirem com os seus pais, diminuindo a comunicação entre ambos. Tais dificuldades também podem exercer alguma influência nos pais, na medida em que estes podem experienciar sentimentos de “incompetência” relativamente à fase desenvolvimental em questão (Carlton-Ford, Paikoff, & Brooks-Gunn, 1991b; Petersen et al, 1993, cit. in Holmbeck et al, 1993).

Finalmente, nesta fase desenvolvimental, ocorrem também alterações de cariz social, nomeadamente, ao nível da relação com os pares. Na adolescência, a relação com os pares

assume uma elevada relevância, tornando-se mais íntima, na medida em que há uma maior partilha de ideias, pensamentos, opiniões e atividades (Berndt & Perry, 1990; Savin-Williams & Berndt, 1990 cit. in Holmbeck et. al, 1993).

No entanto, apesar de neste período desenvolvimental, os pares exercerem uma forte influência, os pais continuam a desempenhar o papel de influenciadores principais, nomeadamente na tomada de decisões importantes sobre valores e objetivos futuros (Berndt, 1979, 1982; Brown, 1990 cit. in Holmbeck et al, 1993).

Também foi constatado que apesar dos pais quererem supervisionar de perto os seus filhos e as relações que estabelecem com os seus pares, também reconhecem a importância que estas interações próximas têm para o bem-estar dos adolescentes (Holmbeck, 1993).

Conclui-se, portanto, que a adolescência é um período que envolve alterações a vários níveis e nos vários agentes, pais e filhos, sendo então importante que haja uma reestruturação do sistema familiar. Muitas vezes, esta reestruturação é desafiante, sendo, por vezes, geradora de algum *stress* parental, na medida em que os pais se deparam com alguns desafios, entre eles, a negociação de novas regras e o nível de facilidade na promoção das relações entre os pares (Holmbeck, 1993).

1.3 Parentalidade

A Parentalidade pode ser definida como o conjunto de actividades de carácter intencional cujo principal objectivo é o de assegurar a sobrevivência e o desenvolvimento das crianças. A palavra “parentalidade”, desde a sua raiz, relaciona-se, mais especificamente com a “*atividade*” de desenvolver e educar e não tanto de “*quem o faz*” (Hoghughi & Long, 2004).

Rossi (1969) (cit in. Gecas & Pasley, 1984) sugeriu que, ao contrário de outros papéis sociais, o papel parental é distinto em várias dimensões. Primeiro, é socialmente inaceitável terminar com a parentalidade; o papel parental não é, por vezes, desejado ou uma escolha planeada e, finalmente, existe ainda, uma grande pressão cultural para que os casais casados assumam este papel.

Para melhor percebermos a dimensão da parentalidade é importante que percecionemos este constructo como sendo determinado por múltiplos factores, nomeadamente, características do pai, da criança e do contexto onde a relação se propaga exercem influência na parentalidade. Consequentemente, é fulcral que compreendamos a esta dimensão combinada por um conjunto de factores (Luster & Okagaki, 1993). Alguns exemplos são, nomeadamente, a personalidade dos pais; relação conjugal; local de trabalho, entre outros. Vejamos, se um dos pais se encontra

a exercer um trabalho stressante, este vai ter um impacto negativo no seu bem-estar, o que, conseqüentemente, vai afectar a forma como o pai ou a mãe se relacionam com os seus filhos (Luster & Okagaki, 1993).

Posto isto, é pertinente explorar a Teoria Ecológica, na medida em que o autor ressalta a ideia de que existem forças externas que, por vezes, afectam o funcionamento da família e, por sua vez, o desenvolvimento dos filhos (Luster & Okagaki, 1993).

A investigação desenvolvida por Urie Bronfenbrenner foi considerada, pela maioria dos investigadores, como sendo uma contribuição para um melhor entendimento da ontogenia humana. O autor demonstrou a importância da existência de várias estruturas que se interligam entre si, de forma a melhor compreender o desenvolvimento humano (Lerner, 2005).

Bronfenbrenner descreveu o microssistema como sendo o cenário em que cada indivíduo se comporta num determinado momento da sua vida; o mesossistema, por sua vez, é o conjunto de microssistemas que constituem o desenvolvimento individual de cada um. Para além destas duas estruturas, existe o exossistema, sendo composto pelos contextos que, apesar de não estarem directamente envolvidos com o indivíduo (ex: o local de trabalho do pai de uma criança), exercem uma influência no comportamento (ex: um pai que está sob stress no seu local de trabalho e que no fim do dia não vai estar apto para cuidar, adequadamente, do seu filho). Finalmente, o macrossistema é o nível “*superordenado*” da ecologia do desenvolvimento humano, na medida em que é o nível que envolve a cultura; as macroinstituições (ex: governo) e que influência a natureza das interacções entre todos os outros níveis (Lerner, 2005).

Esta teoria é importante, na medida em que necessitamos de compreender o desenvolvimento humano como uma dimensão que recebe influência de vários factores e, portanto, o sistema familiar pode ser afectado devido a várias forças externas.

1.4 Conceção da Paternidade ao longo dos tempos

Em épocas anteriores, os pais eram vistos como os senhores detentores de todo o poder sob as suas famílias (Knibiehler, 1995, cit in. Lamb, 2004).

Tradicionalmente, os pais têm sido vinculados à ideia de que não estão muito envolvidos nas tarefas parentais, ou seja, esperam no chão da sala de espera aquando do parto; nunca mudam uma fralda ou aquecem um biberão e, geralmente, deixam a responsabilidade da educação para as suas esposas. Porém, actualmente, a realidade é diferente, na medida em que não existe um tipo único de pai (Parke, 1996).

Estando a nossa sociedade em constante mudança, a vários níveis, tecnológico, económico e ideológico a definição de pai tem vindo a ser redefinida. Atualmente, o papel da mulher na sociedade sofreu uma grande expansão, tendo sido necessário que os pais desenvolvessem tarefas que, inicialmente, “pertenciam” às mães, assim como, a ocorrência de mudanças a nível geográfico, fazendo com que a família nuclear esteja muito mais isolada, não podendo contar, de forma tão constante, com familiares afastados. Tal implica que o pai assuma novas responsabilidades, necessitando de despender um maior esforço na assunção total das tarefas de educação, ao mesmo tempo que não pode descurar da nossa responsabilidade em garantir a dependência económica do seu agregado.

Assim, uma nova imagem cultural sobre o pai emergiu, tendo afastado o estereótipo dos pais ausentes e surgindo a ideia de que os pais são parceiros activos e uma influência directa no desenvolvimento dos seus filhos (Parke, 1996).

A literatura sobre paternidade tem sofrido uma evolução ao longo do tempo, porém, actualmente, não existe uma grande exploração na relação existente entre os pais e as suas filhas adolescentes. Um dos poucos estudos que é possível encontrar sobre a relação entre estes atores é o de Schock & Gavazzi, 2005, que se centra, no entanto, em filhas adolescentes problemáticas. Contudo, apesar da presente investigação não se focar em adolescentes problemáticas, existem algumas especificidades que merecem alguma atenção.

Num estudo elaborado por Schock e Gavazzi (2005), os autores pretenderam analisar quais as especificidades inerentes à paternidade de filhas adolescentes, tendo constatado que pais com filhas que atravessam a fase desenvolvimental da adolescência tendem a expressar sentimentos de incerteza quanto ao seu papel parental em áreas específicas, nomeadamente: detêm uma fraca compreensão de questões referentes ao sexo feminino; existência de barreiras de comunicação, envolvendo tópicos e estilos de comunicação; envolvimento limitado e sentimentos de indecisão no que diz respeito à resolução de possíveis comportamentos problemáticos que as suas filhas possam adoptar. No entanto, estes possíveis comportamentos são menos comuns nas raparigas e mais visíveis nos rapazes (Chesney-Lind & Shelden, 1998, cit. in Schock & Gavazzi, 2005).

Posto isto, de seguida iremos explorar quais os factores que podem estar na génese do *stress* parental.

1.5 Stress Parental

O stress parental pode ser definido como a dificuldade que os pais sentem em monitorizar as suas tarefas parentais; em controlar o comportamento da criança ou como resultante da

interação disfuncional entre a criança e os pais (Abdin, 1995, Deater-Deckard, 1998, cit. in Putnik, Bornstein, Hendricks, Painter, Suwalsky & Collins, 2010).

Grande parte dos investigadores que se debruçam no estudo da adolescência e das suas especificidades concordam que a fase desenvolvimental da adolescência é aquela que acarreta um maior nível de *stress* para os pais, sendo mais desafiante que a fase em que os filhos são mais pequenos (Montemayor, 1983). Estudos constataram que os pais também reportam maiores níveis de *stress* quando os seus filhos exigem maiores níveis de autonomia e, também, quando há mais conflitos em resultado das exigências feitas pelos adolescentes (Small, Eastman, & Cornelius, 1988, cit in Bronstein, 1995).

Possíveis explicações para o *stress* parental promulgado durante a fase da adolescência podem estar divididas em dois níveis, por um lado as características individuais e, por outro lado, as relações familiares. Relativamente à primeira valência, a adolescência, como já foi explorada acima, tem subjacentes diversas modificações a vários níveis, acarretando alguns factores que poderão estar na génese do *stress* parental, nomeadamente o desejo de autonomia (Ausubel, Montemayor, & Svaijan, 1977, cit. in Montemayor, 1983) e a procura da sua identidade (Erikson, 1968, cit in. Montemayor, 1983).

Com o intuito de perceber quais os fatores responsáveis pelo *stress* parental nesta fase desenvolvimental, alguns autores começaram a enfatizar as transformações que ocorrem nas relações familiares. Vejamos o exemplo, as relações pais/criança são, tradicionalmente, caracterizadas como sendo estáveis e previsíveis, na medida em que os membros da família desenvolveram parâmetros de interação que são conhecidos e aceitáveis (Montemayor, 1983). No período da adolescência, com as mudanças sociais, biológicas e psicológicas, o equilíbrio existente anteriormente sofre, igualmente, uma modificação, sendo necessário um reajustamento para que se alcance uma nova “*homeostase*” (Morton, Alexander, & Altman, 1976, cit in Montemayor, 1983).

Vejamos a Teoria do Stress Familiar de Hill.

Double ABCX Model – Teoria do Stress Familiar

O Modelo ABCX, desenvolvido por Reuben Hill foi a base da maioria dos modelos explicativos do *stress* familiar (Boss, 2002, cit in Weber, 2001).

Com base no modelo de Hill, o *fator A* refere-se ao stressor, isto é, ao evento que antecede a ocorrência da crise, ou seja, uma situação para a qual a família tem pouca ou nenhuma preparação, sendo percebida como problemática (Hill, 1958, cit in Weber, 2011).

Relativamente ao *fator B*, este remete para os recursos que a família possui, ou não, para lidar com o stressor, evitando assim, que ocorra uma situação de crise. Quanto ao *fator C*, este diz respeito à definição que a família dá ao stressor. Finalmente, o *fator X* remete para uma situação de crise (Weber, 2011).

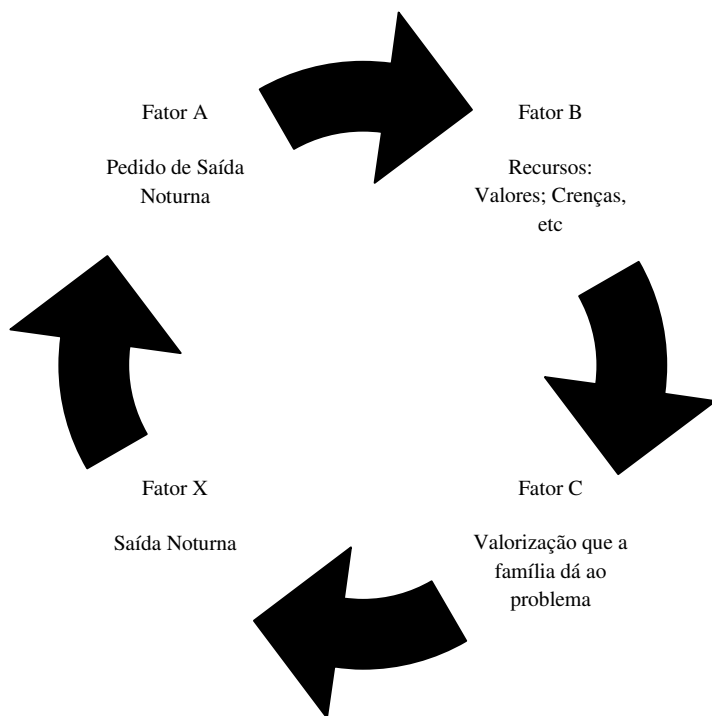


Fig 1. Exemplo de situação desencadeadora de stress

Segundo esta teoria, a percepção que os pais têm das suas capacidades para lidar com as suas responsabilidades (exemplo: estratégias de *coping* como recurso) pode ter influência no *stress* parental que, por vezes, experienciam (McCubbin & Patterson's, 1983, cit. in Wille & Wheatley, 2009). Isto porque, caso consigam encontrar recursos para resolver o elemento stressor, os níveis de *stress* baixam, sendo mais fácil lidar com o problema.

Por outro lado, caso não encontrem recursos para limitar o impacto do stressor, umas das consequências do *stress* parental que os pais experienciam, acontece ao nível da qualidade na sua relação conjugal, na medida em que pode sofrer um decréscimo (Lavee, Sharlin, & Katz, 1996, cit. in Putnik, Bornstein, Hendricks, Painter, Suwalsky & Collins, 2010).

Bartz (1978) (cit in Gecas & Pasley, 1984) entrevistou 64 casais, questionando-os sobre quais as suas percepções relativamente às questões parentais e educativas. Os pais nomearam dois estádios do ciclo de vida familiar, nomeadamente, a idade escolar e a adolescência como sendo

aqueles cujo grau de complexidade é maior. Neste estudo pretendeu-se medir o envolvimento dos pais em onze tarefas; os pais podiam, posteriormente, reportar quais as dificuldades sentidas durante o exercício das mesmas.

A maioria dos pais de crianças em idade escolar estavam envolvidos em tarefas de disciplina e desenvolvimento de valores, enquanto os pais dos adolescentes foram os mais envolvidos na tarefa de planeamento social para o futuro de seus filhos. A tarefa das relações sociais com o sexo oposto foi vista como a mais desafiante para os pais de ambos os grupos etários, com os pais de adolescentes a reportar uma maior dificuldade.

Foi igualmente constatado que os pais não se sentiam competentes para lidar com o facto de os adolescentes não seguirem os seus pareceres, assim como com os possíveis comportamentos desviantes (Bartz, 1978, cit in Gecas & Pasley, 1984).

Gecas e Pasley (1984) recolheram dados para um estudo sobre padrões de socialização e desenvolvimento de competências em crianças. A amostra era constituída por 208 famílias (mãe, pai e adolescente). Posto isto, 136 pais (65%) e 149 mães (72%) responderam aos questionários aplicados. Estes questionários incidiam sobre as percepções sobre a parentalidade, sendo constituídos por questões abertas e fechadas. Assim, os pais tiveram que responder a questões como: “(a) *Qual foi o estágio do ciclo de vida que percepcionou como sendo o mais complexo? Quando a criança era/é...;* (b) *Qual das etapas referidas acima (infância; pré-escolar; 6-9 anos; 10-13 anos; 14-18 anos e + de 19 anos) foi a melhor para si?”* Os pais tinham de justificar as suas respostas.

O estágio cujos pais nomearam como sendo o mais difícil foi o período dos 14 aos 18 anos (61.7% - mães; 64 % - pais). Quando questionados sobre as razões para tal avaliação, os pais referiram os seus problemas pessoais (i.e., não passar tempo suficiente com os jovens) e as relações sociais (i.e., pressão dos pares) como as razões para percepcionarem este estágio como o mais complexo (Gecas & Pasley, 1984).

No entanto, constatou-se alguma heterogeneidade de respostas, dado que alguns pais caracterizaram a adolescência como o melhor estágio no seu papel parental, nomeando variáveis como a “*independência*” e a “*maturidade*” como razões para a sua satisfação.

Pais e mães estavam de acordo relativamente ao facto de que a sua responsabilidade, nesta fase desenvolvimental, se prendia com a facilitação e encorajamento da independência dos jovens, contudo, os pais indicaram que esta era uma tarefa que eles próprios tinham dificuldade em cumprir (Gecas & Pasley, 1984).

Um aspecto curioso é o facto de ter sido verificado que os pais tendiam a ser menos responsáveis, menos envolvidos e interagem menos com os seus filhos quando as suas esposas tinham pouca confiança nas suas habilidades (McBride & Rane, 1998, cit in Wille & Wheatley, 2009). Da mesma forma, pais que tenham tido um envolvimento maior durante a infância dos seus filhos, desenvolveram uma melhor relação de vinculação com os mesmos, fazendo com que estes se sentissem seguros (Hill, Hawkind, Martinson & Ferris, 2003, cit. in Wille, & Wheatley, 2009).

Posto isto, podemos concluir que apesar de ser uma fase que acarreta algumas especificidades potenciadoras de *stress* parental, a adolescência é também encarada como um marco de evolução e maturidade, acabando por proporcionar sentimentos complementares de *stress* e satisfação.

Ao falarmos de adolescência e de *stress* parental, o constructo de autonomia aparece subjacente; esta é uma tarefa essencial da fase desenvolvimental da adolescência, estando na génese da dificuldade dos pais em lidar com os seus filhos adolescentes. Este conceito envolve valências como o movimento de afastamento da dependência dos pais no que diz respeito à tomada de decisões, valores, vinculação emocional e comportamentos (Steinberg, 1985, cit it Small et.al, 1988). Posto isto, é então um processo que envolve, necessariamente, os pais (Small et.al, 1986).

Steinberg and Silverberg, 1986, cit. in Small et.al, 1988) sugeriram que a autonomia é um constructo multidimensional, na medida em que “desapego” emocional; susceptibilidade para a influência dos pares; auto-regulação e tomada de decisões são algumas das dimensões que compõem este conceito.

Relativamente ao “desapego” emocional, este pode acarretar níveis elevados de *stress* para os pais, na medida em que as vinculações podem sofrer um decréscimo ao nível da intensidade (Lerner & Ryff,1978, cit. in Small et.al, 1988).

Como já foi referido acima, outro aspeto que pode influenciar as relações familiares é o crescimento da influência dos pares, em detrimento da procura dos pais para adquirir algumas estratégias sobre determinado tema. No entanto, apesar deste facto, os pais continuam a ser a influência maior, contudo, em questões do guarda-roupa; aparência e alguns comportamentos anti-sociais são os pares que são procurados para a obtenção de estratégias práticas (Berndt, 1979; Brittan, 1963 & Larson, 1972, cit. in Small et.al, 1988). Desta forma, os pais podem experienciar sentimentos de perda de influência nos seus filhos, assim como perda de controlo, começando a duvidar do seu poder parental. Estes sentimentos de perda de controlo estão

associados com o *stress* parental, diminuição da auto-estima e depressão (Perlmutter & Monty, 1979; Seligman, 1975, cit.in Small et.al, 1988).

Depois do “desapego emocional” e da influência do grupo de pares, surge um terceiro aspeto constituinte da autonomia, nomeadamente o de autorregulação, visto que é necessário os pais fornecerem uma liberdade na tomada de decisões para que os adolescentes possam desenvolver comportamentos autorregulatórios (Small et.al, 1988). Apesar do alcance deste constructo ser normativo durante a adolescência, pode existir uma atitude de desagrado entre os pais e o jovem, devido à rapidez e circunstâncias em que novas formas de comportamentos de independência e de tomada de decisão são assumidos pelo adolescente (Small et.al, 1988).

Finalmente, a possível experimentação de comportamentos de risco por parte dos adolescentes pode elevar os níveis de *stress* parental. Aumento no consumo de drogas, tabaco e álcool podem ser comuns durante a adolescência (Gold & Petrino, 1980, cit. in Small et.al, 1988). Alguma investigação identificou fatores de risco que podem contribuir para que os jovens fiquem vulneráveis à medida que vão crescendo, nomeadamente, fatores de risco direcionados para um nível individual, como uma baixa autoestima; fatores de risco relativos à família, como por exemplo, doença física de um dos pais ou, em terceiro lugar, fatores de risco derivados dos contextos em que os jovens estão inseridos (Coleman & Hagell, 2007).

Como podemos concluir, são diversos os fatores que podem estar na génese do *stress* parental, desde a perceção de perda de influência sob os filhos, como o desejo destes em alcançar certos níveis de autonomia. No entanto, um fator comum é que a fase desenvolvimental da adolescência é percebida como uma etapa geradora de *stress* parental.

1.6 Satisfação Parental

Da literatura revista, até a data não foram desenvolvidos muitos estudos no âmbito da satisfação parental.

No entanto, apresentaremos de seguida, uma revisão da literatura sobre o tema, focando-nos em possíveis variáveis que se correlacionam com a satisfação parental e, mencionando, também, aspectos satisfatórios e insatisfatórios inerentes à parentalidade.

“A parentalidade é inerentemente desafiante. Para moldar o carácter de um ser humano, tornando-o um membro produtivo da ordem social, requer um reservatório de recursos, como tempo, paciência e dinheiro” (Goetting, p.83). *“Sendo o constructo de satisfação parental tão importante para uma melhor compreensão das preocupações sociais é,*

de alguma forma surpreendente, que não existam investigações consistentes sobre o tema” (Goetting, p.84).

No entanto, com a revisão de literatura elaborada, constatou-se que a maioria dos pais, se se deparassem com a decisão de ter outro filho, provavelmente levavam a decisão adiante (Bell, 1965; Blood & Wolfe, 1960; Campbell, 1982; Freedman, Whelpton & Campbell, 1959; Yankelovich, Skelly & White, 1977, cit. in Goetting, 1986). Posto isto, apesar de ser uma fase constituída por desafios é também uma etapa caracterizada por uma satisfação por parte dos pais, atenuando o *stress* que pode vir a ser despoletado ao longo do desenvolvimento do(s) filho(s).

Foi constatado que existem diferenças de género relativamente a esta questão, na medida em que os pais nomearam as questões da obediência e da disciplina como sendo os principais desafios, enquanto as mães demonstraram uma preocupação pelos cuidados físicos e disposições materiais (Veroff, Douvan & Kulka, 1981, cit in Goetting, 1986).

Contudo, grande parte dos estudos sobre satisfação parental incidem na mãe, não havendo um enfoque nas satisfações parentais do pai.

Desta forma, após a apresentação do estado da arte supramencionado referimos agora quais são os principais objetivos específicos do presente estudo.

II. METODOLOGIA

2.1 Objetivos Específicos

- Explorar qual é o papel dos Pais na relação com as suas filhas adolescentes;
- Explorar as dimensões que os Pais identificam como marcos de entrada na adolescência;
- Compreender os fatores de *stress* que experienciam na parentalidade das suas filhas adolescentes;
- Compreender quais são os fatores de satisfação que vivenciam na parentalidade das suas filhas adolescentes;
- Compreender que comportamentos adotam para reduzir o impacto dos fatores de *stress*.

Delineados estes objetivos pareceu-nos adequado, para o alcance mais aprofundado dos significados, a utilização de uma abordagem qualitativa.

2.2 Abordagem geral

Desta forma, alguns autores definiram investigação qualitativa como “(...) *atividade que localiza o observador no Mundo. Consiste num conjunto de práticas interpretativas e materiais que tornam o Mundo visível. Estas práticas sugerem uma série de representações, incluindo notas; entrevistas; conversas; fotografias e gravações. Posto isto, os investigadores qualitativos estudam realidades nos seus contextos naturais, com o objetivo de compreender e interpretar o fenómeno; por forma a obter os significados que os mesmos têm para as pessoas.*” (Denzin & Lincoln, 2000, cit. in Ritchie & Lewis, 2003).

A abordagem qualitativa é, desta forma, um tipo de investigação científica que permite obter informação específica sobre valores, opiniões, comportamentos e contextos sobre determinada população. A grande vantagem deste tipo de investigação científica é o facto de permitir a recolha de descrições pormenorizadas da forma como as pessoas experienciam a questão a ser estudada (Mack, Woodsong, MacQueen, Guest & Namey, 2005).

Posto isto, existem três métodos de recolha de dados relacionados com a abordagem qualitativa, nomeadamente, a observação, o *focus* grupo e as entrevistas. A que utilizamos foi a entrevista, uma vez que este é um método eficaz para recolher histórias individuais de cada participante, assim como as suas perspetivas e experiências, principalmente quando as questões colocadas são mais sensíveis (Mack et. al., 2005).

Como foi referido acima, um dos métodos características da abordagem qualitativa é a entrevista, nomeadamente a entrevista semiestruturada. Posto isto, na presente investigação, o guião de entrevista, que será abordado mais à frente, é o instrumento utilizado.

2.3 Questões de Investigação

Com o presente estudo pretendemos encontrar respostas para as seguintes questões de investigação:

- Quais as dimensões que os Pais identificam como sendo marcos de entrada na adolescência?
- Quais os papéis que os Pais percebem assumir na relação com as suas filhas adolescentes?

- Quais são os fatores de satisfação que os Pais vivenciam na relação com as suas filhas adolescentes?
- Quais são os fatores de *stress* que os Pais vivenciam na relação com as suas filhas adolescentes?
- Que mecanismos são adotados pelos Pais para reduzir o impacto do *stress*?

2.4 Participantes

Para esta investigação, seleccionámos, por conveniência, uma amostra de sete Pais que se encontrassem casados e que tivessem, pelo menos, uma filha adolescente com idade compreendida entre os 13 e os 16 anos. A idade dos participantes encontra-se na faixa etária dos 40-50 anos e residem todos na área do grande Porto. Dos sete participantes, dois têm o 9º ano de escolaridade e os restantes, Licenciatura ou Bacharelato. Dos participantes considerados para este estudo, seis têm o género feminino como primogénito, encontrando-se, portanto, na primeira posição numa fratria de dois.

2.5 Instrumento

Uma vez que vamos utilizar o método da entrevista foi criado um guião de entrevista semi-estruturado (cf, Anexo A), especificamente para este estudo, que abrange um conjunto de dimensões e subdimensões, nomeadamente:

- **Características dos Pais:** Nesta primeira subdimensão pretendemos conhecer o entrevistado, assim como a constituição do agregado familiar, nº de filhos e idades.
- **Relação Parental:** Com a exploração desta subdimensão pretendemos perceber a dinâmica da relação parental, nomeadamente, que atividades o pai e a filha fazem em conjunto; que valores e influências regem esta relação; qual a dinâmica familiar, entre outros aspetos (Valores; Relações Sociais; Estilo Educativo).

Exemplo de questões: Como descreve a sua filha? Qual a característica que mais valoriza? Que valores norteiam a relação que tem com a sua filha?; Que tipo de regras existem em sua casa?; Conhece os amigos da sua filha?

- **Satisfação:** Relativamente à satisfação, aqui exploramos quais são os fatores de satisfação específicos que os pais enunciam relativamente à relação parental;
- **Stress:** À semelhança da subdimensão da satisfação, para o stress, exploramos, igualmente, quais os fatores de stress específicos que os pais consideram existirem

na relação que têm com as suas filhas. Para além disso, questões como “*Como lida com isso?*” e “*Costuma partilhar as suas preocupações com alguém?*”, com o intuito de perceber que estratégias utilizam para ultrapassar as situações ditas stressantes.

2.6 Procedimentos

2.6.1 Procedimentos de recolha dos dados

Os contactos foram conseguidos, como referido acima, por conveniência, ou seja, através de contactos pessoais. O primeiro contacto, assim como todos os outros, à exceção de dois, foi feito através do telefone, enquanto os outros foram através do email. Neste primeiro contacto foi feita uma apresentação da entrevistadora e, brevemente, foi explicado ao pai de que se tratava a investigação. Após uma concordância em participar, agendámos data e local para desenvolver da entrevista; o mesmo procedimento aconteceu com os restantes contactos.

Foi inicialmente pedido aos Pais que lessem e assinassem um consentimento informado (cf. Anexo B), para que os objetivos do estudo ficassem mais claros, assim como, para assegurar a confidencialidade.

Todas as entrevistas tiveram uma duração média de 40 minutos e foram realizadas em locais escolhidos pelos participantes. Foram gravadas em formato áudio, através de um gravador, para que posteriormente fossem analisadas.

2.6.2 Procedimento de análise dos dados

Após a realização de todas as entrevistas, a próxima etapa prendeu-se com uma análise profunda aos dados, com o intuito de alcançarmos os significados e as experiências dos participantes.

Após a transcrição de todas as entrevistas foram desenvolvidas as chamadas “*leituras flutuantes*”, ou seja, ao longo dos parágrafos é elaborada uma leitura minuciosa de todas as respostas dos participantes. O objetivo é agrupar estas respostas em categorias, para que, posteriormente, possa ser criada uma “*árvore*” de categorias, a serem inseridas e analisadas através do software “*NVIVO*”.

O recurso ao suporte informático, nomeadamente, *softwares* para a análise de dados qualitativos, foi bastante comentado entre os investigadores, tendo sido concluído que estes poderiam auxiliar os mesmos numa determinada direção (Seidel, 1991, cit. in Welsh, 2002). Posto isto, a utilização do *NVIVO* foi considerado por alguns autores, como uma vantagem para

a metodologia qualitativa, uma vez que é bastante rigoroso e preciso (Richards & Richards, 1991, cit. in Welsh, 2002).

O caráter minucioso do programa permite que o investigador alcance um conhecimento mais aprofundado dos dados recolhidos, sendo este o cerne da metodologia qualitativa.

III RESULTADOS

De acordo com os procedimentos descritos foi criado um sistema de categorias, sendo este constituído por quatro dimensões principais (categorias de primeira geração) e por 16 subdimensões (categorias de segunda geração). Para cada categoria de segunda geração explicitamos as categorias de terceira geração, ou seja, dimensões criadas baseadas em expressões dos Pais entrevistados.

Posto isto, apresentamos, seguidamente, os principais resultados obtidos através da codificação dos dados das entrevistas. Poderá ser consultada a tabela do sistema de categorias que se encontra no capítulo dos Anexos (cf. Anexo C).

A primeira dimensão criada remete para a **descrição da filha adolescente**, sendo inserida nesta categoria toda a informação específica fornecida pelos Pais que remete para a caracterização das suas filhas adolescentes. Inerente a esta dimensão principal surge a subdimensão das *competências psicológicas*, categoria cujas referências específicas incidem em características psicológicas das suas filhas adolescentes, concretamente, **assertiva; autónoma; bem-educada; boa aluna; carinhosa; ciumenta; competitiva; concentrada; consciente; curiosa; desconcentrada; doce; empenhada; esperta; estudiosa; extrovertida; faladora; humilde; imatura; independente; inteligente; introvertida; líder; madura; negativa; perfeccionista; persistente; preguiçosa; prestável; reservada; resiliente; responsável; sensata; sincera; sociável; teimosa; tímida; tranquila.**

Para além desta subdimensão surge também a categoria das *competências*, ou seja, foi inserida aqui toda a informação específica sobre competências de caráter instrumental, referidas pelos Pais, que as suas filhas possuem. Com a análise das entrevistas, ainda inerente a esta grande dimensão da descrição da filha adolescente constatámos referências a *fragilidades*, inserindo-se, portanto, nesta categoria, toda a informação específica sobre fragilidades de natureza vocacional e instrumental.

Neste seguimento, surge a segunda dimensão, **descrição dos Pais acerca de si próprios**, remetendo para referências sobre a descrição que os Pais fazem de si próprios. Subjacente a esta

dimensão criou-se a categoria, *características psicológicas*, onde inserimos referências sobre características psicológicas que os pais enunciam sobre si mesmos, concretamente, **assertivo; atento; compreensivo; disponível; exigente; figura de autoridade; impulsivo; independente; influenciador; introvertido; ocupado; pacífico; pouco exigente; presente; resiliente; rígido; tranquilo.**

Como terceira categoria surge a **dimensão relacional Pai-filha**, tendo sido inserida nesta categoria, informação relativa à dinâmica da relação existente entre pai e filha adolescente. Assim, emergem subdimensões como *atividades em conjunto*, ou seja, insere-se nesta categoria referências relativas a atividades que os pais fazem em conjunto com as suas filhas, concretamente, **atividades de lazer ativas** (ex: andar de bicicleta) e **atividades de lazer passivas** (ex: ir ao cinema). Para além desta subdimensão surge, também, a de *contexto escolar*, onde inserimos informação que remete para o contexto escolar, concretamente, monitorização no estudo e encarregado de educação.

Uma vez que uma das questões se reportava à existência de mecanismos para reduzir o impacto do *stress*, após a análise das entrevistas decidimos criar a subdimensão *estratégias para reduzir o impacto do stress*, onde se insere toda a informação referente a estratégias específicas que os pais utilizam para diminuir o impacto do stress, nomeadamente a partilhas das suas preocupações com terceiros.

Sendo um dos nossos objetivos primordiais, compreender quais os fatores de satisfação foi criada uma categoria onde inserimos referências aos *fatores de satisfação* que os pais consideram existir na relação parental com as suas filhas adolescentes, concretamente, **boa relação familiar; bondade; comportamentos adequados; cumplicidades; felicidade da filha; humildade; opiniões positivas de terceiros; preocupação pelo pai; relação de amizade; satisfação não especificada; sentido de justiça.**

Para além desta categoria referente aos fatores de satisfação criámos, igualmente, uma categoria para *fatores de stress*, onde inserimos toda a informação relativa aos fatores de *stress* que os pais consideram existir na relação parental com as suas filhas adolescentes, concretamente, **acontecimentos inesperados; atividades de rotina diária; brigas entre irmãos; companhias; entrada na faculdade; escola; falta de argumentação; felicidade da filha; mau humor da filha; persistência por parte da filha; saúde; tempo de espera.**

Outra subdimensão que emerge remete para as influências que os pais nomearam com tendo impacto na forma como exercem a sua paternidade, ou seja, *influências no exercício da paternidade*. Na categoria das *Mudanças identificadas na adolescência*, inserem-se informações

relativas a mudanças que os pais identificaram nas suas filhas aquando da entrada na adolescência, concretamente, **grupo de pares; mudanças na relação pai-filha; mudanças psicológicas na filha; percepção sobre entrada na adolescência; preocupações futuras.**

Ainda subjacentes à dimensão relacional pai-filha surgiram duas subdimensões: *Qualidade da relação Pai-Filha*, onde inserimos informação relativa à percepção que os pais têm sobre a qualidade da relação parental, concretamente, **aberta; fácil; positiva; sentimento de orgulho e Tópicos de conversa**, subdimensão que remete para assuntos que pais e filhas partilham, concretamente, **atividades de rotina diária; relação com o grupo de pares; relações amorosas; religião; saúde; sexualidade; temas gerais.**

Finalmente, a quarta dimensão, **dinâmica familiar**, inclui informação relativa ao funcionamento da dinâmica familiar, nomeadamente, *práticas educativas* (**punições; regras e recompensas**); *rotina familiar*, inclui informação sobre situações do quotidiano e *valores*, subdimensão onde estão inseridos os valores que os pais identificam como sendo os mais importantes a transmitir na relação que estabelecem com as suas filhas, concretamente, **amizade; boa educação; espírito de partilha; família; generosidade; honestidade; respeito; responsabilidade; trabalho; verdade.**

IV ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

De seguida iremos apresentar e discutir os principais resultados, ressaltando que estes se encontram organizados de acordo com as questões de investigação formuladas. Foram analisadas as categorias que permitiam dar resposta às questões de investigação anteriormente definidas.

1. Quais as dimensões que os Pais identificam como sendo marcos de entrada na adolescência?

No decorrer da análise dos resultados constatou-se que as **principais mudanças identificadas pelos Pais pela entrada na adolescência** são ao nível do **grupo de pares**, uma vez que referem a vontade das filhas de passarem mais tempo com os amigos (“*É assim, claro que ela tem aquelas coisas de já querer fazer jantadas com as colegas (...) de tirar fotos com as amigas e dizer best friends, por aí (...) e tu és linda e o facebook e não sei quê...*”). Esta importância acrescida que o grupo de pares assume, referida pelos Pais é, assim, congruente com o que a literatura sobre o tema revela, uma vez que estas relações interpessoais, aquando da entrada na

adolescência, se tornam mais íntimas, havendo uma maior partilha entre os diferentes intervenientes (Berndt & Perry, 1990; Savin-Williams & Berndt, 1990, cit. in Holmbeck et.al, 1993).

Nesta dimensão foi também questionado aos pais se conheciam o grupo de pares das suas filhas adolescentes, uma vez que Holmbeck (1993) sugere que há uma supervisão, por parte dos pais, relativamente a estas relações com o grupo de pares. As respostas foram semelhantes, no sentido em que o grupo de pares é do conhecimento dos Pais, havendo um contacto direto entre os diferentes intervenientes, Pais, filhas e amigos. Aliás, um dos Pais, quando questionado sobre o grupo de pares da filha mencionou que conhecia, inclusive, os pais desses amigos (“*Tudo amigos conhecidos. Eu conheço os pais de todos eles... Um grupo mais restrito...*”).

Neste seguimento, quando questionados sobre **mudanças ao nível da relação parental**, as respostas foram homogéneas, uma vez que a maior parte dos entrevistados mencionou uma maior aproximação das filhas (“*Uma maior aproximação, sim, sim... A (...) é uma pessoa muito independente... Uma pessoa que gosta do seu espaço e de estar lá. Por isso não invado o espaço dela levemente. Acho que ela... Ela quando procura socializar com os pais, é ela que me procura... No entanto, há momentos específicos para o fazer...*”). Um dos possíveis fatores de aproximação ao Pai será o acréscimo de dúvidas e de inquietações que a entrada na adolescência provoca, procurando nessa aproximação, respostas para as essas dúvidas nunca experimentadas. No entanto, segundo a literatura, as raparigas experienciam sentimentos mistos, sendo ambivalentes, ou seja, sentimentos positivos e sentimentos negativos, sendo mais comum o desenvolvimento de discussões com as mães (Holmbeck, Paikoff & Gunn, 1993).

Para além da relevância do grupo de pares e das mudanças na relação parental, alguns Pais referiram **mudanças psicológicas na adolescente**, concretamente ao nível comportamental, sendo visível uma maior relevância nas questões da aparência física (“*Principalmente as normais para uma rapariga na adolescência...principalmente o cuidado com a imagem, com o crescimento, a aparência...embora ela sempre tenha tido, mas o vestir...*”). Posto isto, tal como a literatura sobre o tema sugere, grande parte dos adolescentes foca-se mais na sua aparência física, desvalorizando outros aspetos de si mesmos (Tobin-Richards; Boxer; McKavrell & Petersen, 1984, cit in Papalia; Olds & Feldman, 2001).

2. Quais os papéis que os Pais percecionam assumir na relação com as suas filhas adolescentes?

Os resultados indicam que, de forma geral, os Pais possuem vários papéis na relação parental com as suas filhas adolescentes. Através das entrevistas foi possível constatar que os Pais

possuem um papel preponderante em vários domínios (ex.: educação; estabelecimento de regras, entre outros), assumindo, assim, um papel ativo. Quando questionados sobre **atividades em conjunto** foi possível constatar a vasta panóplia de atividades de lazer que surgiram, umas de **caráter mais ativo** (“*Ela também gosta muito de andar a pé, fazemos passeios a pé... Andamos de bicicleta juntos também...*”) e outras de **caráter passivo** (“*Ouvimos música em conjunto... Vemos filmes em conjunto... Até fomos ver os Coldplay em conjunto*”).

Para além destas atividades de índole social, foi constatado, igualmente, que ao nível escolar, os Pais encontram-se igualmente participativos, nomeadamente na **monitorização escolar**, na medida em que esta tarefa, por vezes, é da sua responsabilidade (“*Tenho uma noção das datas, preocupo-me com a gestão...*”), assim como a tarefa de ser o **Encarregado de Educação**, o que implica uma maior disponibilidade e gestão do tempo. Quando questionados sobre quem era o Encarregado de Educação da filha, as respostas foram variadas, no entanto, esta responsabilidade pertence, maioritariamente, ao pai (“*Quando há reuniões sou eu que vou, tomo anotações e depois falo com ela*”). Podemos também constatar, à semelhança das atividades em conjunto, que os tópicos de conversa são igualmente variados.

Quando questionados sobre “*De que assuntos costumam conversar?*” foram várias as respostas que surgiram, concretamente temas relacionados com **atividades de rotina diária** (“*Ai...Basicamente isso foi outra coisa que eu aprendi quando comecei a namorar com a mãe dela...Elas falam e eu ouço (risos)... Elas definem o tema e eu depois vou...e normalmente os temas que vêm têm a ver com o dia delas, o teste que fizeram..ah..a dança que não saiu bem, a professora que a chateou porque ela não estava esticar a perna...depois ela é muito curiosa, no sentido que gosta de perceber as coisas..muita cusca! E isso pode ser desde temas mais da minha área...não temos...ela é que lidera a coisa...Mas falamos de tudo..*”); com a **relação com o grupo de pares** (“*Conta-me o que se passa na escola, o relacionamento que tem com os colegas, o relacionamento entre os colegas...*”).

Temas que remetem para **relações amorosas** que as filhas estejam a vivenciar também foram referidos pelos pais (“*Sim, sim... Partilha. Foi engraçado que quando ela teve o primeiro namorado veio ter comigo, perguntar o que eu achava...*”); tópicos relacionados com a **religião** (“*no meu tempo as coisas não se falavam e eu e a minha esposa tentamos que as coisas sejam faladas abertamente...mesmo sobre religião*”) e temas direcionados para a **saúde** (“*quando é algum assunto relacionado com a saúde, é comigo*”). Para além destes temas específicos, alguns pais mencionaram não haver assuntos concretos, referindo que existem **temas gerais** (“*Falo de tudo, de tudo...sem exceção...Tudo o que ela quer e todos aqueles que eu acho que são importantes, que vão surgindo...*”).

Posto isto, qual é afinal o papel experienciado? O Pai assume assim, por um lado, o papel de orientador e de ouvinte atento, e por outro procura inteirar-se das necessidades da sua filha através do meio que a rodeia e das preocupações que ela sente, visando o seu desenvolvimento saudável.

Ao ser explorada a dimensão relacional pai-filha foi constatado que, globalmente, os Pais têm uma perceção positiva sobre a qualidade da relação parental, referindo que têm uma relação **aberta** (“*Eu, pelo menos da minha parte, tento ter uma relação franca e aberta com ela*”); **fácil** (“*É boa, é uma relação fácil...*”); **positiva** (“*É muito boa...Muito positiva*”) e que há um **sentimento de orgulho** na existência dessa relação (“*Há alguns motivos de orgulho por parte dela que me deixaram...*”). Desta forma, podemos considerar que esta perceção positiva sobre a qualidade da relação parental poderá exercer alguma influência no exercício do(s) papel(eis) parental(ais), na medida em que os Pais possam estar mais envolvidos no exercício das suas tarefas parentais.

A dimensão das **práticas educativas** foi igualmente explorada, concretamente a subdimensão das regras específicas, a fim de compreendermos qual o papel dos Pais na implementação de regras. Percebemos que, nesta dimensão, o Pai funciona como uma figura da autoridade, uma vez que delinea e implementa algumas regras: (“*Como em tudo... Há regras. E já fizemos alguns acordos escritos (...) Acordos escritos assinados e colados no frigorífico! E sou eu que os faço, ok?*”). Verificámos que as regras são diversas, no entanto, existem algumas que são comuns, por exemplo, o **horário de deitar** (“*Nós temos uma regra...Nós achamos importante o sono e portanto, tendencialmente, as nove e meia é a hora de ir para a cama*”); o **sucesso escolar** (“*A regra imposta é (pausa) ela tem de tirar as melhores notas para conseguir seguir o seu caminho livremente...*”) e a utilização de **telemóveis** (“*Não há telemóveis à mesa, enquanto se conversa com as pessoas*”).

Foram referidas, também, outras regras, concretamente, **aprender a nadar** (“*Isso é uma das regras lá de casa. Eles têm de aprender a nadar em todos os estilos*”); **arrumar o quarto** (“*Arrumar o quarto...*”); **arrumar objetos** (“*Não deixar as coisas espalhadas pela casa*”); a **boa educação** (“*Depois a regra de não serem mal educados uns com os outros...*”); **comer a sopa** (“*Outra regra, se calhar um pouco estúpida é toda a gente come sopa!*”); a **utilização do Facebook** (“*Nós não deixamos a (...) ter Facebook...não sabemos o que está do outro lado e é muito cedo*”); **férias com os pais** (“*Outra das regras há 2 semanas de férias comigo e ponto... Podem estar lá em casa sem falar com ninguém, mas têm de estar lá.*”); **horário de chegada a casa**, à noite (“*Temos a regra das 4h da manhã, que é a hora a que a (...) tem de chegar...*”) e,

finalmente, **horários de saída de casa** (“*Os horários também têm de acompanhar a (...) e o (...)... Saídas de manhã são importantes...*”).

Desta forma, podemos então concluir que os pais têm a percepção que o mundo é organizado e tem regras, tentando transmitir esse paradigma, no intuito de que estas se possam integrar e desenvolver socialmente.

Constatámos, igualmente, que o papel parental dos Pais é norteado por um **conjunto de valores**, que estes tentam transmitir às suas filhas adolescentes, tendo sido verificado homogeneidade relativamente a alguns: **a verdade** (“*Eu não sei se é um valor, mas há uma coisa que é muito importante, que é a verdade...*”); **o trabalho** (“*Perceberem desde cedo que trabalhar faz parte da vida, porque isso vai ser essencial...*”); **a responsabilidade** (“*As pessoas têm de ser corretas, verdadeiras e responsáveis..Isto é algo que ela tem levar para a vida dela..Tento sempre que ela interiorize isto...Verdade e responsabilidade sempre...*”); **a honestidade** (“*Os valores como a honestidade...*”) e, finalmente, **a boa educação** (“*Tanto aqui em casa como lá fora e de serem educadas...não serem mal criadas*”).

Podemos então concluir que os resultados vão de encontro com a literatura revista, na medida em que os pais, atualmente, têm um papel mais participativo no exercício da parentalidade, afastando a crença errónea de que são figuras ausentes (Parke, 1996)

É visível uma reestruturação da relação parental que emerge com o desejo das adolescentes de atuarem de forma mais autónoma (Shulman & Seiffge-Krenke, 1997). Porém, por outro lado, os pais continuam a deter um papel preponderante, continuando a ser uma influência na tomada de decisões (Berndt, 1979, 1982; Brown, 1990 cit. in Holmbeck et al, 1993).

Assim, podemos dizer que o papel parental é muito mais extenso, na medida em que engloba várias dimensões importantes, como por exemplo, atividades, percepção da qualidade da relação, práticas parentais, entre outros.

3. Quais são os fatores de satisfação que os Pais vivenciam na relação com as suas filhas adolescentes?

Um dos objetivos primordiais do nosso estudo prendeu-se com o conhecer os principais fatores de satisfação inerentes à relação parental entre Pais e filhas e, portanto, na análise dos resultados, constatamos que estes são diversos, tendo sido referidos, concretamente, **a boa relação familiar** (“*A boa relação que temos em casa, acho que temos um bom ambiente familiar...*”); **a bondade da filha** (“*Ora bem.... O coração que ela tem. Ela tem um coração muito bom, muito são... humm... Muito ingénuo ainda, graças a Deus, mas acima de tudo esse*”).

coração (...) o carinho e o amor que tem pelo irmão...pela bisavó e a forma como eu vejo...”); **os comportamentos adequados** (“Repare, é evidente que ser pai de uma miúda que não é um problema é fantástico!”); **as cumplicidades** (“São as cumplicidades (...) Ela quer uma mota e a mãe não quer... Pronto... Nós os dois andamos a cobiçar a mota... É engraçado...”); **a felicidade da filha** (“É vê-la feliz...Vê-la a sorrir é o melhor... É ela estar bem.”); **a humildade** (“É ela saber pedir desculpa (...) Quando chega a hora da verdade e admitir que errou, isso para mim é o essencial...”); **as opiniões de terceiros positivas** (“Ela com as pessoas...a forma como praticamente toda a gente fala da (...) é um orgulho, uma satisfação...”); **preocupação pelo pai** (“Quando ela está aflita quando me vê zangado, até isso é bom...porque quer dizer que ela se preocupa comigo...é bom...”); **vínculo seguro** (“É assim, eu acho que a (...) gosta de mim, não só como pai, mas também como amigo...Estou a lembrar-me uma vez que ela comentou que um colega lhe disse que o pai andava sempre a sair e a entrar, que nunca estava com ele e que, por isso, não gostava dele e ela disse logo “ai, mas eu gosto do meu pai”(…) Pronto, é uma coisa que se gosta de ouvir, não é? Eu sei que ela gosta de mim...Fiquei muito satisfeito..Se ela disse isso ao miúdo é porque estava a falar a verdade...É isso..o ela gostar de mim é uma grande satisfação...gostar e dizer! (risos)”) e **o sentido de justiça** (“Sentido de justiça”). No entanto, para além destes fatores de satisfação específicos constatámos algumas respostas mais subjetivas, ou seja, uma **satisfação não específica** que remete para respostas mais latas, como por exemplo (“Todos...Eu costumo dizer que as duas juntas são a coisa com mais valor que eu tenho na vida e portanto, é uma satisfação total...não há nada específico...”). Posto isto, podemos concluir que existe uma grande diversidade de fatores de satisfação na relação parental, desde características pessoais das filhas à própria relação parental existente.

4. Quais são os fatores de stress que os Pais vivenciam na relação com as suas filhas adolescentes?

Relativamente aos fatores de *stress*, após a análise dos resultados verificámos que estes também provêm de várias fontes, no entanto, ao contrário do que acontece nos fatores de satisfação, existe uma homogeneidade de respostas numa das dimensões, concretamente, na **escola**, sendo visíveis várias referências a este contexto. Assim, quando questionados sobre quais os fatores de *stress* existentes na vivência da relação parental com as suas filhas adolescentes surgiram algumas respostas como (“Um deles é essa situação da escola, acho que podia reagir de outra forma, tinha que ter mais cuidado, estudar mais, assentar mais as ideias. Acho que ai... é uma preocupação que eu tenho.”). Estas evidências vão de encontro com o que o estudo de Bartz (1978) (cit in Gecas & Pasley, 1984) constata, ou seja, os pais de adolescentes são mais participativos na tarefa de planeamento social para o futuro dos mesmos, o que pressupõe uma

preocupação no âmbito da escola, dado que esse futuro pode ficar limitado caso não sejam obtidos os resultados esperados.

Para além da escola, foram nomeados outros fatores de *stress*, concretamente **acontecimentos inesperados que possam provocar dor** (“*O facto de lhe poder acontecer alguma coisa no percurso para a escola, ou mesmo na escola*”); algumas **atividades de rotina diária** (“*Sabe que as coisas que me causam stress são coisas ridículas...por exemplo, a (...) não fecha gavetas nem portas e eu estou farto de lhe dizer...Outro fator de stress...A (...) tem telemóvel, Optimus, e anda sempre com aquilo na mão...Ela não tem uma carteirinha...anda sempre cheia de sacos e mesmo assim ainda tem o telemóvel na mão...eu não sei, eu acho que é não usar carteira...isso irrita-me...mas são coisas assim...*”); o **bem-estar da filha** (“*A felicidade dela, o bem estar dela, o...o ela sentir-se satisfeita no dia a dia...o estar bem...o poder ter falta de qualquer coisa...*”); **as brigas entre irmãos** (“*ou quando elas as duas andam à bulha...*”); a questão das **companhias** (“*As companhias... Ela tem colegas que se drogam, que bebem... E ela conta-me isso tudo! Ainda ontem estava a dizer que havia um colega que pedia dinheiro aos pais para comprar droga e isso, mas pronto...ela consegue distanciar-se...consegue manter-se à margem das situações...aquela colega com quem ela anda mais fuma e ela não...aliás, ela até critica essas pessoas...Ela tem essa atitude, por isso creio que não vá cair nessa tentação!*”). Relativamente a este ponto, tal como foi constatado por Gold e Petrino (1980 cit in Small et al., 1988), a promulgação de comportamentos de risco por parte dos adolescentes, por exemplo, aumento do consumo de drogas, tabaco e álcool pode levar ao despoletar de níveis elevados de *stress* parental.

A entrada na faculdade foi também referida como um fator de *stress*, podendo estar aqui inerente o conceito de autonomia, uma vez que com esta transição, as adolescentes têm de tomar decisões, havendo um movimento de afastamento da dependência dos pais (Steinberg, 1985, cit in Small et.al, 1988). Aliás, um dos Pais nomeou esta transição para a faculdade como sendo um acontecimento angustiante (“*O pior vai ser para o ano, porque ela vai para a faculdade e eu sei que aí as coisas são diferentes*”). Outro fator referido foi **a dificuldade em comunicar e negociar** (“*O mais difícil é encontrar argumentos válidos para fazer prevalecer o meu ponto de vista...*”); **o mau humor da filha** (“*Quando ela não dorme, acorda mal disposta, de mau humor... Isso sim, causa-me stress...*”); **persistência por parte da filha** (“*e depois a (...) não se cala...ela acha que se tiver bons argumentos, não se deve calar...eu ando a tentar explicar-lhe que calar-se também é um bom argumento...*”); questões relacionadas com **a saúde** (“*Hummmm....Saúde...*”) e **a falta de resposta imediata** (“*São ligeiros...Neste momento é o “já vou” (risos)...Sempre assim um pouco... O “já vou” é stressante... É preciso ser um pouco mais rápido e ela demora muito tempo... Mas não há nada de grave, nem insolências... São*”).

fatores...*Eu até aguento bem! Se a gente tem um compromisso e ela não está pronta ou isso (risos)...*”).

Podemos então concluir que a fase desenvolvimental da adolescência acarreta alguns desafios para os Pais, o que vai de encontro com o que a literatura sugere, ou seja, o período da adolescência é um período propício para a experimentação de comportamentos de risco (Papalia; Olds & Feldman, 2001). Nesta lógica, também pretendemos observar de que forma este reajustamento é alcançado e que mecanismos os Pais utilizam para contornar o impacto destes fatores de stress.

5. Que mecanismos são adotados pelos Pais para reduzir o impacto do *stress*?

Para encontrarmos respostas para esta questão de investigação, no seguimento da nomeação dos fatores de *stress*, questionámos os Pais sobre mecanismos que utilizavam para superar os mesmos, estando-nos a referir, concretamente, **ao diálogo que os Pais estabelecem com a sua rede de contactos**. As respostas foram heterogéneas, dado que alguns Pais referem não partilhar com ninguém, fazendo, eles próprios, a gestão do seu próprio *stress*, encontrando formas de superar, sozinhos (*“Não, nem por isso... Guardo para mim...Tento gerir isso e vou conseguindo (sorriso)”*). Ao contrário de outros Pais que referem partilhar as suas preocupações, tanto com a esposa, como com amigos chegados, havendo ainda, uma referência a “grupos de partilha” e familiares próximos (*“Costumo sim...com os meus filhos, por exemplo...às vezes comento que a empresa não está bem, que há o risco de eu ir para o desemprego, mas tento transmitir...faz parte...quer dizer, eu transmito os meus problemas para que eles saibam que também podem contar os deles...”*).

Assim, tal como referido no estado da arte sobre *stress* parental, a existência de recursos, sendo eles de carácter mais intrínseco, ou seja, capacidade dos pais gerirem as suas ansiedades individualmente, ou extrínseco, isto é, o recurso à comunidade, permitem que os níveis de stress baixem, podendo, assim, ser mais fácil lidar com o (s) problema (s) em si.

V CONCLUSÕES

Os objetivos primordiais do presente estudo foram compreender quais os fatores de satisfação e *stress* vivenciados na relação entre Pais e as suas filhas adolescentes. Assim, o desenvolvimento deste estudo permitiu-nos chegar a algumas conclusões interessantes.

Começando pelos fatores de satisfação, concluímos que estes são diversificados, uma vez que são referidas características pessoais das filhas (como por exemplo, a bondade, a humildade e o sentido de justiça), a opinião positiva que terceiros têm relativamente à adolescente, e a própria relação parental (concretamente, as cumplicidades, a preocupação pelo pai ou a díade pai/amigo). Com estes resultados podemos então concluir que, ao contrário do que alguma literatura revista reporta, o Pai tem atualmente, um papel ativo e participativo no desenvolvimento das suas filhas adolescentes.

Relativamente aos fatores de *stress*, foram também variados, contudo, as questões inerentes à escola foram referidas frequentemente, tendo sido concluído que este é um dos principais fatores de stress que os Pais experienciam. Além disso, a possível influência exercida pelo grupo de pares, as ditas “*companhias*” são também referidas como motivo de tensão e preocupação, assim como as alterações de humor das filhas adolescentes. Esta última evidência vai de encontro com a literatura encontrada, dado que, segundo Fleming (1993), o início da adolescência é pautado por algumas modificações a vários níveis, estando entre eles modificações psicológicas, tendo um impacto no comportamento das adolescentes. Com a presente investigação constatámos que a adolescência é então um período desafiante, na medida em que vão surgindo questões em que é necessário um reajustamento por parte dos pais e, por vezes, a partilha dos seus receios com terceiros.

Porém, apesar destes resultados, concluímos que são mais as fontes de satisfação do que as fontes de stress que os pais de filhas adolescentes experienciam, o que sugere que, apesar dos desafios inerentes a esta fase desenvolvimental, os Pais conseguem geri-los da melhor forma, não deixando que estes perturbem o equilíbrio da dinâmica relacional pai-filha.

Após a concretização desta investigação nomeámos algumas limitações, nomeadamente, o facto de a literatura sobre a satisfação parental ser escassa, tendo limitado, na discussão e análise dos resultados, uma integração teórica mais completa. Nomeamos a questão da deseabilidade social como outra possível limitação, uma vez que o desejo de aceitação social pode sugerir um enviesamento, constituindo uma ameaça para a validade do estudo.

Seria interessante a criação de programas de educação parental, trabalhando algumas questões promotoras de satisfação parental, bem como de desenvolvimento de estratégias de coping que permitam aos pais saber lidar com os fatores de stress vivenciados.

Em relação a pistas para investigação futura, seria pertinente explorar quais os fatores de satisfação e de stress experienciados pelas mães com filhos, do sexo masculino.

VI REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Avanzini, G. (1978). *O tempo da adolescência*. Editions Universitaires Jean Pierre Delarge.

Bornstein, M. (1995) *Handbook of Parenting: Children and Parenting*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Inc.

Coleman, J., & Hagell, A (2007) *Adolescence, risk and resilience – Against the Odds*. England: John Wiley & Sons Ltd.

Deckard-Deater, K., & Scarr, S. (1996). Parenting Stress Among Dual-Earner Mothers and Fathers: Are there Gender Differences? *Journal of Family Psychology*, 10(1), 45-59.

Fleming, M. (1993). *Adolescência e Autonomia – O Desenvolvimento Psicológico e a relação com os pais*. Porto: Edições Afrontamento.

Galambos, N., Sears, H., Almeida, D., & Kolaric, G. (1995). Parents' Work Overload and Problem Behavior in Young Adolescents. *Journal of Research on Adolescence*, 5(2), 201-223.

Granic, I., Dishion, T., & Hollenstein, T. (2006). The Family Ecology of Adolescence: A Dynamic Systems Perspective on Normative Development. In G. Adams & M. Berzonsky (Eds.), *Blackwell Handbook of Adolescence* (pp. 60-91). USA: Blackwell Publishing Ltd.

Goetting, A. (1986, 1 de Março). Parental Satisfaction: A review of research. *Journal of Family Issues*, pp. 83-109.

Howard, K. (2010). Paternal Attachment, Parenting Beliefs And Children's Attachment. *Early Child Development and Care*, 180, 157-171.

Howard, S., Lefever, J.E.B., Borkowski, J.G, & Whitman, T.L. (2006). Father's Influence In The Lives Of Children with Adolescent Mothers. *Journal of Family Psychology*, 20, 468-476.

- Lamb, M. (1997). *The Role of Father in Child Development*. USA: John Wiley & Sons, Inc.
- Lerner, R. (2005). *Making Human Beings Human – Bioecological Perspectives on Human Development*. USA: Sage Publications, Inc.
- Luster, T.; Okagaki, L. (1993). *Parenting - An Ecological Perspective*. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Inc.
- Mack, N.; Woodsong, C.; MacQueen, K.; Guest, G. & Namey, E. (2005). *Qualitative Research Methods: A Data Collector's Field Guide*. USA: Family Health International.
- Montemayor, R. (1983). Parents and Adolescents in conflict: All families some of the time and some families most of the time. *Journal of Early Adolescence*, 3(1,2), 83-103.
- Neighbour, R. (1985). The Family Life-Cycle. *Journal of the Royal Society of Medicine Supplement*, 78(8), 11-15.
- Nielsen, L. (2006). College Daughters' Relationships with Their Fathers: A 15 year study. *College Student Journal*, pp. 1-11.
- Papalia, E. D., Olds, W. S., & Feldman, D. R. (2001) *O Mundo da Criança*. Lisboa: McGraw Hill.
- Parke, R. (1996). *Fatherhood - The Developing Child*. England: Harvard University Press.
- Pasley, K., & Gecas, V. (1984). Stresses and Satisfaction of the Parental Role. *The Personnel And Guidance Journal*
- Putnik, L. D., Bornstein, H. M., Hendricks, C., Painter, M. K., Suwalsky, J., & Collins, W (2010). Stability, Continuity, and Similarity of Parenting Stress in European American Mothers and Fathers Across Their Child's Transition to Adolescence. *Parenting: Science and Practice*, 10, 60-77.
- Rabionet, S. (2011). How I Learned To Design And Conduct Semi-Structured Interviews: An Ongoing and Continuous Journey. *The Qualitative Report*, 16(2), pp. 563-566.

Rogoff, B. (2003) *The Cultural Nature of Human Development*. New York: Oxford University Press, Inc.

Shock, A.; Gavazzi, S. (2005). Fathering Court-Involved Daughters: Father's Gender-Specific Concerns about Their Parental Role. *Fathering*, 3(2), pp. 121-145.

Small, A.; Eastman, G. & Cornelius, S. (1988). Adolescent Autonomy and Parental Stress. *Journal of Youth and Adolescence*, 17(5), pp. 377-390.

Welsh, E. (2002). Dealing with Data: Using NVivo in the Qualitative Data Analysis Process. *Forum: Qualitative Social Research Sozialforschung*, 3(2), pp. 1-8.

Wille, E. D., & Wheatley, K. M. (2009). Changes in Parents' Stress as Their Children Become Adolescents: A Validation of the Stress Index for Parents of Adolescents. *Psi Chi Journal of Undergraduate Research*, 14(3), 121-127.

ANEXOS

Anexo A – Guião de Entrevista

Guião de Entrevista



Dimensões	Sub-dimensões	Tipos de Questões	Observações
Características dos Pais	Dados biográficos Constituição Agregado Familiar	Nome; Idade; Profissão; Habilitações Literárias Nº. de filhos; Idades; Géneros dos outros filhos; Constituição Agregado Familiar; posição na fratria da Adolescente	
Relação parental	Estilo Educativo	Como descreve a sua filha? (ex: qualidade que mais valoriza) Como descreve a relação que tem com a sua filha? (Mudanças na relação/na adolescente) Que tipos de regras existem em sua casa? Relativamente a castigos e recompensas, como funcionam? Sobre que assuntos costuma conversar com a sua filha? Que atividades fazem em conjunto?	

	<p>Relações Sociais</p> <p>Valores</p>	<p>Quem é o encarregado de educação da sua filha? (Escola; Acompanhamento no estudo)</p> <p>Sabemos que nestas idades os amigos são muito importantes. Quem são os amigos e amiga das sua filha? (da escola, vizinhos, do...)</p> <p>A sua filha costuma sair à noite? Com quem? Para que sítios? Como lida com isso?</p> <p>Quais os valores e as regras que norteiam a relação com a sua filha?</p>	
Satisfação	-	<p>Quais são os principais factores de satisfação na relação parental com a sua filha?</p> <p>O que é “o melhor” de ser Pai da (...)?</p>	
Stress			

ANEXO B – Consentimento Informado dado aos Pais



CATÓLICA

UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA | PORTO

Consentimento Informado

No âmbito da Dissertação de Mestrado em Psicologia – Especialização em Psicologia da Educação e Orientação, da Faculdade de Educação e Psicologia da Universidade Católica Portuguesa do Porto, estamos a realizar um estudo subordinado ao tema “Fatores de Stress e de Satisfação em Pais de Filhas Adolescentes”. Neste sentido, o objetivo principal do nosso estudo é compreender quais são os fatores de *stress* e de satisfação existentes na relação parental. A recolha de dados será realizada através de uma entrevista individual em data e hora mais favorável para os participantes.

De acordo com o exposto, vimos por este meio solicitar a sua participação neste estudo. Salientamos a garantia da confidencialidade e anonimato de todos os sujeitos participantes. No final, serão disponibilizados todos os resultados e conclusões da investigação.

Agradecemos, desde já, toda a atenção, disponibilidade e colaboração.

Para poder obter mais informações ou esclarecer dúvidas poderá utilizar os seguintes contactos:

Catarina Carvalho – 91 348 28 13 a.catarinapscarvalho@gmail.com

Eu, _____ concordo em participar neste estudo.

ANEXO C – Sistema de Categorias

Categorias	Descrição das categorias	Exemplos de expressões
1. Descrição da filha adolescente	Insere-se nesta categoria informação específica fornecida pelos Pais, onde se inclui: (1.1) competências psicológicas; (1.2.) competências, (1.3) fragilidades das suas filhas adolescentes.	
1.1. Competências Psicológicas	Insere-se nesta categoria informação específica fornecida pelos Pais sobre competências psicológicas das suas filhas adolescentes.	Assertiva
1.2. Competências	Insere-se nesta categoria informação específica fornecida pelos Pais sobre competências de caráter instrumental que as suas filhas possuem.	“Andou no ballet”
2. Descrição dos pais acerca de si próprios	Insere-se nesta categoria referências sobre a descrição que os pais fazem de si próprios, nomeadamente: (2.1.) características psicológicas.	
2.1 Características Psicológicas	Insere-se nesta categoria referências sobre características psicológicas que os pais fazem acerca de si próprios.	Figura de Autoridade
3. Dimensão relacional Pai-Filha	Insere-se nesta categoria informação relativa à dimensão pai-filha, onde se inclui: (3.1.) Atividades em conjunto; (3.2.) Contexto Escolar; (3.3) Estratégias para reduzir o stress; (3.4) Fatores de Satisfação; (3.5) Fatores de Stress; (3.6) Influências no exercício da paternidade; (3.7) Mudanças identificadas pela entrada na adolescência; (3.8) Qualidade da relação Pai-Filha; (3.9) Tópicos de Conversa.	
3.1. Atividades em conjunto	Insere-se nesta categoria informação relativa a atividades que os pais fazem conjunto com as suas filhas adolescentes, onde se incluem: (3.1.2) Atividades de lazer ativas; (3.1.3) Atividades de lazer passivas.	
3.1.2 Atividades de lazer ativas	Insere-se nesta categoria informação relativa a atividades de lazer ativas.	“Ela também gosta muito de andar a pé, fazemos passeios a pé... Andamos de bicicleta juntos também”
3.1.3 Atividades de lazer passivas	Insere-se nesta categoria informação relativa a atividades de lazer passivas.	“Ouvimos música em conjunto... Vemos filmes em conjunto... Até fomos ver os Coldplay em conjunto”
3.2. Contexto Escolar	Insere-se nesta categoria informação relativa ao contexto escolar, onde se inclui: (3.2.1) Acompanhamento no Estudo; (3.2.2) Encarregado de Educação	

3.2.1 Acompanhamento no Estudo	Insere-se nesta categoria informação relativa ao acompanhamento no estudo, nomeadamente, se existe e quem o faz.	“ Matemática, Ética, Moral e Física é comigo”;
3.2.2 Enc. Educação	Insere-se nesta categoria informação referente à figura que detém o papel de encarregado de educação da filha.	“Quando há reuniões sou eu que vou, tomo anotações e depois falo com ela.”
3.3. Estratégias para reduzir o stress	Insere-se nesta categoria informação referente a estratégias específicas que os pais utilizam para diminuir o impacto do stress, nomeadamente, partilha das suas preocupações com terceiros.	“Com ninguém...nem com familiares, nem com amigos...eu giro e digiro as preocupações comigo mesmo”;
3.4. Fatores de Satisfação	Insere-se nesta categoria informação relativa a fatores de satisfação que os pais consideram existir na relação que têm com as suas filhas, onde se inclui: (3.4.1) Boa relação Familiar; (3.4.2) Bondade; (3.4.3) Comportamentos adequados; (3.4.4) Cumplicidades; (3.4.5) Felicidade da Filha; (3.4.6) Humildade; (3.4.7) Opiniões positivas de terceiros; (3.4.8) Preocupação pelo Pai; (3.4.9) Vínculo seguro; (3.5a) Satisfação não especificada; (3.5.1b) Sentido de justiça.	
3.4.1 Boa relação familiar	Insere-se nesta categoria informação relativa à boa relação familiar.	“A boa relação que temos em casa, acho que temos um bom ambiente familiar”
3.4.2 Bondade	Insere-se nesta categoria informação relativa à bondade das filhas.	“O coração que ela tem. Ela tem um coração muito bom, muito são”
3.4.3 Comportamentos adequados	Insere-se nesta categoria informação relativa a comportamentos adequados promulgados pelas filhas.	“ser pai de uma miúda que não é um problema é fantástico”
3.4.4 Cumplicidades	Insere-se nesta categoria informação relativa a cumplicidades existentes entre pais e filhas.	“São as cumplicidades”
3.4.5 Felicidade da Filha	Insere-se nesta categoria informação relativa à felicidade das filhas.	“É vê-la feliz...Vê-la a sorrir é o melhor... É ela estar bem”
3.4.6 Humildade	Insere-se nesta categoria informação relativa à humildade.	“É ela saber pedir desculpa...”

3.4.7 Opiniões de terceiros positivas	Inserir-se nesta categoria informação relativamente a opiniões positivas transmitidas por terceiros sobre as filhas destes pais.	“Ela com as pessoas...a forma como praticamente toda a gente fala da (...) é um orgulho, uma satisfação...”
3.4.8 Preocupação pelo pai	Inserir-se nesta categoria informação relativa a sentimentos de preocupação que os pais percebem que as filhas têm.	“Quando ela está aflita quando me vê zangado, até isso é bom...porque quer dizer que ela se preocupa comigo...é bom...”
3.4.9 Vínculo Seguro	Inserir-se nesta categoria informação relativa à relação de amizade que os pais consideram que existe.	“Gosta de mim, não só como pai, mas também como amigo”
3.5a Satisfação não especificada	Inserir-se nesta categoria informação relativa a fatores de satisfação não especificados.	“Todos...Eu costumo dizer que as duas juntas são a coisa com mais valor que eu tenho na vida e portanto, é uma satisfação total...não há nada específico...”
3.5.1b Sentido de justiça	Inserir-se nesta categoria informação relativa ao sentido de justiça.	“Sentido de justiça”
3.5 Fatores de Stress	Inserir-se nesta categoria informação relativa a fatores de <i>stress</i> que os pais consideram existir na relação que têm com as suas filhas, onde se inclui: (3.5.1) Acontecimentos inesperados que possam provocar dor; (3.5.2) Atividades de rotina diária; (3.5.3) Brigas entre irmãos; (3.5.4) Companhias; (3.5.5) Entrada na faculdade; (3.5.6) Escola; (3.5.7) Dificuldade em comunicar e negociar; (3.5.8) Felicidade da filha; (3.5.9) Mau humor da filha; (3.6a) Persistência por parte da filha; (3.6.2) Saúde; (3.6.3) Falta de resposta imediata.	
3.5.1 Acontecimentos Inesperados que possam provocar dor	Inserir-se nesta categoria informação referente a acontecimentos inesperados que possam ocorrer.	“O facto de lhe poder acontecer alguma coisa no percurso para a escola, ou mesmo na escola”
3.5.2 Atividades de rotina diária	Inserir-se nesta categoria informação referente a atividades de rotina diária que sejam geradoras de <i>stress</i> .	“Sabe que as coisas que me causam <i>stress</i> são coisas ridículas...por exemplo, a (...) não fecha gavetas nem portas”
3.5.3 Brigas entre irmãos	Inserir-se nesta categoria informação relativa a brigas entre irmãos.	“ou quando elas as duas andam à bulha...”
3.5.4 Companhias	Inserir-se nesta categoria informação relativa às companhias das suas filhas adolescentes.	“As companhias..ela tem colegas que se drogam, que bebem..e ela conta-me isso tudo”
3.5.5 Entrada na faculdade	Inserir-se nesta categoria informação relativa à entrada na faculdade.	“O pior vai ser para o ano, porque ela vai para a faculdade e eu sei que aí as coisas são diferentes”

3.5.6 Escola	Inserir-se nesta categoria informação relativa à escola.	“Um deles é essa situação da escola, acho que podia reagir de outra forma, tinha que ter mais cuidado, estudar mais, assentar mais as ideias. Acho que aí... é uma preocupação que eu tenho”
3.5.7 Dificuldade em comunicar e negociar	Inserir-se nesta categoria informação relativa à falta de argumentação que alguns pais possuem.	“O mais difícil é encontrar argumentos válidos para fazer prevalecer o meu ponto de vista”
3.5.8 Bem-estar da filha	Inserir-se nesta categoria informação relativa ao bem-estar das filhas.	“A felicidade dela, o bem estar dela, o...o ela sentir-se satisfeita no dia a dia...o estar bem...o poder ter falta de qualquer coisa”
3.5.9 Mau humor da filha	Inserir-se nesta categoria informação relativa ao mau humor das filhas adolescentes.	“Quando ela não dorme, acorda mal disposta, de mau humor... Isso sim, causa-me stress”
3.6a Persistência por parte da filha	Inserir-se nesta categoria informação relativa à persistência por parte das filhas adolescentes.	“E depois a (...) não se cala...ela acha que se tiver bons argumentos, não se deve calar...eu ando a tentar explicar-lhe que calar-se também é um bom argumento”
3.6.1 Saúde	Inserir-se nesta categoria informação relativa a questões de saúde.	“Saúde”
3.6.2 Falta de resposta imediata	Inserir-se nesta categoria informação relativa a tempos de espera.	“O “Já vou” é stressante”
3.6. Influências no exercício da paternidade	Inserir-se nesta categoria informações relativas a influências que os pais nomearam como tendo impacto na forma como exercem a sua paternidade.	“A minha mãe teve uma grande influência”
3.7 Mudanças identificadas na adolescência	Inserir-se nesta categoria informações relativas a mudanças que os pais identificaram aquando da entrada na adolescência, onde se inclui: (3.7.1) Grupo de Pares; (3.7.2) Mudanças na relação Pai-Filha; (3.7.3) Mudanças psicológicas na filha; (3.7.4) Perceção sobre entrada na adolescência; (3.7.5) Preocupações futuras	
3.7.1. Grupo de Pares	Inserir-se nesta categoria informação relativa ao grupo de pares da adolescente, nomeadamente, que importância os pais consideram que estes têm para a filha; que atividades fazem em conjunto.	“Sai à noite; sai com os amigos... tudo amigos conhecidos, um grupo restrito”
3.7.2 Mudanças na relação Pai-Filha	Inserir-se nesta categoria informação relativa a possíveis mudanças na relação parental que possam ter ocorrido com a entrada na adolescência.	“Penso que não houve alteração na nossa relação”
3.7.3 Mudanças psicológicas na filha	Inserir-se nesta categoria informação referente a mudanças psicológicas que ocorreram aquando da entrada na adolescência.	“As normais para uma rapariga que está na adolescência, crescimento, aparência; cuidado com a imagem”
3.7.4. Perceção sobre entrada na adolescência	Inserir-se informação relativa à forma como os pais encaram a entrada na adolescência.	“Não sinto, para já, que a adolescência seja um problema”

3.7.5 Preocupações futuras	Insere-se nesta categoria informação relativa a preocupações que os pais possuem, relativamente ao futuro das suas filhas.	“Alguns descaminho...drogas, tabaco, álcool”
3.8. Qualidade da relação Pai-Filha	Insere-se nesta categoria informação relativa à qualidade da relação parental, ou seja, qual a perceção que os pais têm sobre a mesma, onde se inclui: (3.8.1) Aberta; (3.8.2) Fácil; (3.8.3) Positiva; (3.8.4) Sentimento de orgulho.	
3.8.1 Aberta	Insere-se nesta categoria toda a informação relativa à relação aberta que os pais consideram ter com as suas filhas.	“Eu, pelo menos da minha parte, tento ter uma relação franca e aberta com ela”
3.8.2 Fácil	Insere-se nesta categoria toda a informação relativa à relação fácil que os pais consideram ter com as suas filhas.	“É fácil, porque ela conta-me praticamente tudo o que se passa”
3.8.3 Positiva	Insere-se nesta categoria toda a informação relativa à relação positiva que os pais consideram ter com as suas filhas.	“É muito boa...Muito positiva”
3.8.4 Sentimento de Orgulho	Insere-se nesta categoria toda a informação relativa ao sentimento de orgulho que os pais sentem nesta relação.	“Há alguns motivos de orgulho por parte dela que me deixaram...”
3.9 Tópicos de Conversa	Insere-se nesta categoria informação relativa a assuntos que pais e filhas discutam, onde se inclui: (3.9.1) Atividades de rotina diária; (3.9.2) Relação com o grupo de pares; (3.9.3) Relações Amorosas; (3.9.4) Religião; (3.9.5) Saúde; (3.9.6) Sexualidade; (3.9.7) Temas gerais.	
3.9.1 Atividades de rotina diária	Insere-se nesta categoria toda a informação relativa a tópicos de conversa que remetam para atividades de rotina diária.	“É normalmente os temas têm a ver com o dias delas, o teste que fizeram (...) a dança que não saiu bem, a professora que a chateou porque ela não estava esticar a perna”
3.9.2 Relação com o grupo de pares	Insere-se nesta categoria toda a informação relativa a tópicos de conversa relacionados com a relação que a filha adolescente tem com o seu grupo de pares.	“Conta-me o que se passa na escola, o relacionamento que tem com os colegas, o relacionamento entre os colegas...”
3.9.3 Relações Amorosas	Insere-se nesta categoria toda a informação relativa a tópicos de conversa que remetam para relações amorosas da filha.	“Sim, sim... Partilha. Foi engraçado que quando ela teve o primeiro namorado veio ter comigo, perguntar o que eu achava...”
3.9.4 Religião	Insere-se nesta categoria toda a informação relativa a tópicos de conversa relacionados com a religião.	“Mesmo sobre religião...”
3.9.5 Saúde	Insere-se nesta categoria toda a informação relativa a tópicos de conversa relacionados com a saúde.	“Quando é algum assunto relacionado com a saúde, é comigo...”

3.9.6 Sexualidade	Inserir-se nesta categoria toda a informação relativa a tópicos de conversa relacionados com a Sexualidade.	“Nunca tivemos a conversa da parte da sexualidade...”
3.9.7 Temas gerais	Inserir-se nesta categoria toda a informação relativa a temas gerais de conversa.	“Falo de tudo, de tudo...sem exceção...Tudo o que ela quer e todos aqueles que eu acho que são importantes, que vão surgindo...”
4. Dinâmica Familiar	Inserir-se nesta categoria informação relativa ao funcionamento da dinâmica familiar, onde se inclui: (4.1) Práticas Educativas; (4.2) Rotina Familiar; (4.3) Valores	
4.1. Práticas Educativas	Inserir-se nesta categoria informação relativa a práticas educativas existentes, onde se inclui: (4.1.2) Punições; (4.1.3) Recompensas; (4.1.4) Regras Específicas	
4.1.2 Punições	Inserir-se nesta categoria informação relativa a punições desenvolvidas pelos pais quando as filhas não têm um K adequado.	“Não ver televisão, ir para o quarto”
4.1.3 Recompensas	Inserir-se nesta categoria informação relativa a recompensas fornecidas pelos pais quando as filhas têm um K que consideram adequado.	“Sou um mãos largas”;
4.1.4 Regras Específicas	Inserem-se nesta categoria regras específicas que fazem parte do bom funcionamento da dinâmica familiar, onde se inclui: (4.1.4.1) Aprender a nadar; (4.1.4.2) Arrumar o quarto; (4.1.4.3) Arrumar objetos; (4.1.4.4) Boa educação; (4.1.4.5) Comer sopa; (4.1.4.6) Facebook; (4.1.4.7) Férias com o Pai; (4.1.4.8) Horário de chegada a casa; (4.1.4.9) Horário de deitar; (4.1.5) Horário de saída de casa; (4.1.5.2) Obter boas notas; (4.1.5.3) Telemóveis	
4.1.4.1 Aprender a nadar	Inclui-se nesta categoria toda a informação relativa à regra específica de aprender a nadar.	
4.1.4.2 Arrumar o quarto	Inclui-se nesta categoria toda a informação relativa à regra específica de arrumar o quarto.	
4.1.4.3 Arrumar objetos	Inclui-se nesta categoria toda a informação relativa à regra específica de arrumar objetos.	
4.1.4.4 Boa educação	Inclui-se nesta categoria toda a informação relativa à regra específica de ter boa educação.	
4.1.4.5 Comer sopa	Inclui-se nesta categoria toda a informação relativa à regra específica de comer a sopa.	
4.1.4.6 Facebook	Inclui-se nesta categoria toda a informação relativa à regra específica do Facebook.	
4.1.4.7 Férias com o Pai	Inclui-se nesta categoria toda a informação relativa à regra específica de passar férias com o Pai.	
4.1.4.8 Horário de chegada a casa	Inclui-se nesta categoria toda a informação relativa ao horário estabelecido para chegar a casa.	

4.1.4.9 Horário de deitar	Inclui-se nesta categoria toda a informação relativa ao horário estabelecido para deitar.	
4.1.5 Horário de saída de casa	Inclui-se nesta categoria toda a informação relativa ao horário estabelecido para sair de casa.	
4.1.5.1 Obter boas notas	Inclui-se nesta categoria toda a informação relativa à regra de obrigatoriedade de obter boas notas.	
4.1.5.2 Telemóveis	Inclui-se nesta categoria toda a informação relativa às regras referentes ao uso do telemóvel.	
4.2. Rotina Familiar	Inserem-se nesta categoria informação relativa a situações do quotidiano; fins-de-semana; férias.	“À 6ª feira vemos um filme em família”
4.3. Valores	Inserem-se nesta categoria os valores que os pais identificam como sendo os mais importantes a transmitir na relação que estabelecem com as suas filhas.	“Amizade”